

Unidade 1



A escola e o educando

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Reconhecer as potencialidades da escola e seus atores.
- Identificar a escola como contexto de promoção da saúde.
- Integrar temas sociais que favoreçam o desenvolvimento do aluno no planejamento das atividades escolares.

O QUE ABORDAREMOS NESTA UNIDADE?

Temática: A escola e o educando

Vídeo: *Do Limão uma limonada*

Texto:

A escola como espaço de transformações sociais e individuais

Atividades de aprendizagem:

Fórum temático

Atividade colaborativa

Exercício objetivo



Tópicos para aprofundamento

- A educação, em sentido amplo, consiste no processo de produção e criação de conhecimentos, construídos individual e coletivamente e organizados socialmente ao longo da história.
- A escola é uma instituição social que exerce um papel específico no processo educativo, orientada por programas e estruturas formais de ensino.
- O professor, com base no cotidiano da escola, pode e deve criar situações pedagógicas para promover as mudanças necessárias a uma cultura do sucesso escolar.
- O sistema escolar tanto pode servir para sustentar e reproduzir as relações injustas da sociedade capitalista quanto pode servir para o estabelecimento de interesses sociais mais justos, democráticos e solidários.
- Nas relações educativas que se estabelecem entre o professor e os alunos, é importante que prevaleça a relação de confiança e não a de poder.
- As relações educativas e sociais devem promover atividades em grupo, tarefas que envolvam pesquisa, organização de projetos comunitários e a discussão de ideias diferentes.



Bem-vindo, educador! Agora que você está iniciando a primeira unidade, aproveite para conhecer melhor o Ambiente Virtual de Aprendizagem do curso. Aprofunde seus conhecimentos e suas reflexões acerca da temática, assistindo ao vídeo, realizando as leituras dos textos, interagindo nos fóruns com seus colegas e com seu tutor e respondendo os exercícios objetivos. Bom trabalho!

A escola também é um contexto de promoção da saúde e deve ajudar não só os estudantes, mas toda a comunidade escolar, a construir vidas mais saudáveis e a criar ambientes favoráveis à saúde de todos.

No dia a dia da escola, as questões de saúde, mesmo que a gente não as perceba, aparecem nas situações mais diversas: na violência, no preconceito, nas festas, nos materiais de estudo e no trabalho dos alunos.



Assista ao vídeo 1 – *Do limão uma limonada*

Inicie o primeiro módulo do curso assistindo ao vídeo 1, que mostra a escola como espaço de promoção da educação e da saúde envolvendo a direção, os estudantes e comunidade.

Resumo do vídeo – *Do limão uma limonada*

Neste episódio, a escola se apresenta não só como espaço de construção de conhecimento, em que as ações educativas se orientam somente pelos conteúdos disciplinares (biologia, história, matemática...), mas também como contexto de promoção de saúde e do desenvolvimento integral através do envolvimento de educadores, estudantes, parceiros da escola e a comunidade.

A ida de Afonso e Jocélia à escola dos filhos para reclamar ao diretor da campanha promovida pela professora Isabel propiciou uma crítica à forma isolada como a professora lançou seu projeto.

Destaca-se a habilidade do diretor em conseguir a adesão do casal – Afonso e Jocélia – a um projeto amplo de promoção da saúde na escola e na comunidade a partir do entendimento e negociação com a professora coordenadora do projeto. A ação conjunta do diretor e da professora possibilitou a adesão do casal proprietário do mercado ao projeto da escola de promoção de saúde, envolvendo-se de forma participativa.

No episódio, fica claro que a escola deve ser o espaço promotor de transformações individuais e sociais e não pode agir sozinha em suas ações educativas e sociais. Além da função de ensinar, adquire uma função social. Evidencia-se a função de mediação da escola no processo educativo, em que a saúde deve ser apresentada aos alunos como qualidade de vida a ser garantida a todos.

Para refletir



As relações educativas e sociais devem promover atividades em grupo, tarefas que envolvam pesquisa, organização de projetos comunitários e a discussão de ideias diferentes. Pensando nisso, sugerimos que reflita sobre estas questões:

- Você costuma pedir para seus alunos fazerem trabalhos em grupo? Em que ocasiões?
- A sua escola costuma promover a integração de iniciativas de diferentes setores para a promoção da saúde dos alunos?
- Você conhece o Projeto Político-Pedagógico de sua escola?
- Há no Projeto Político-Pedagógico ações de promoção da saúde?

Para aprofundar seus conhecimentos, leia o texto apresentado a seguir.

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E INDIVIDUAIS

Claisy Maria Marinho-Araújo

Nesta unidade, vamos refletir sobre a escola. Vamos examinar como suas características, sua dinâmica e seu funcionamento influenciam no desenvolvimento das pessoas que convivem e participam nesse contexto.

Destacamos a função do educador como mediador tanto no processo de desenvolvimento e construção das subjetividades dos alunos como no processo de aprendizagem e nas relações interpessoais que ocorrem na escola.

Espera-se que, após essas reflexões, você utilize esses conhecimentos para elaborar, com mais clareza e segurança, ações e estratégias de ensino que sejam efetivas para a melhoria da qualidade da educação escolar e para a promoção da saúde no contexto da escola.

Veja os principais temas a serem abordados:

- Educação e escola.
- Função social da escola.
- Papel do professor como mediador de processos de desenvolvimento e de aprendizagem.

Educação e escola: concepções

As concepções sobre o homem, o mundo, a sociedade e as relações sociais estão presentes na nossa maneira de viver, de buscar nossos ideais, de construir nossas crenças e de trabalhar. Essas nossas concepções têm diferentes implicações tanto no nosso modo de ser quanto no nosso trabalho.

Inicialmente, vamos pensar sobre a concepção que temos de escola e sobre a relação entre escola e educação. Em seguida, vamos questionar quais pontos dessa concepção estão sustentando nossas práticas profissionais, nossas representações, crenças, posturas e atitudes.

Ter clareza da concepção que está por trás das próprias ações, valores e comportamentos, gera mais intencionalidade no planejamento das ações de ensino e aprendizagem.

Podemos considerar que toda a organização e o funcionamento da sociedade constituem uma situação educativa, à medida que representam as manifestações das produções e criações humanas, que são compartilhadas por meio das relações sociais.

Assim, a origem da educação se confunde com as origens do próprio homem, quando os processos educativos coincidiam com o próprio ato de viver e sobreviver.



Por que precisamos da educação?

As necessidades surgidas na vida das pessoas, suas experiências de sobrevivência ou de busca de bem-estar ocasionaram processos de produção e criação de conhecimentos, construídos individual ou coletivamente e organizados socialmente, ao longo da história da humanidade.

Esse tipo de educação não é, necessariamente, institucionalizada, ou seja, não ocorre em um espaço definido, com tempos determinados, nem tem uma forma padrão nem normas que a estruturam. É por essa educação que várias pessoas se educam, muitas vezes, sem terem ido à escola.

Esse processo educacional se desdobra em várias dimensões: a educação tanto tem a função de socializar a cultura e o conhecimento acumulado quanto a função de despertar potencialidades, reflexão e críticas acerca da realidade e das possibilidades de sua modificação.

A educação acaba influenciando a constituição de vários aspectos da subjetividade das pessoas, como valores, crenças, orientações religiosas, sexuais, morais, sentimentos, escolhas e muitos outros.

Complexidade da educação

A palavra educar origina-se do latim *educatio*, que, além de instrução, também significa ação de criar, de alimentar. Educação é, portanto, um fenômeno bastante complexo, que se relaciona com todo o processo de formação do sujeito. Nesse processo, ocorrem muitas influências: da família, do trabalho, do clube, dos grupos sociais e culturais de diversas outras instituições.

A Constituição Federal do nosso país assegura a educação como um direito de todo cidadão.

Constituição Federal – Artigo 205

Vejamos



A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A educação na escola

Começemos com uma pergunta: ensinar ou educar?

Essa parece ser uma pergunta bem simples, não é? Mas, de acordo com a forma como respondemos a essa questão, o nosso trabalho na escola poderá ser mais amplo ou mais restrito.

Apesar de escola e educação fazerem parte de um processo social amplo, que é influenciado e influencia relações sociais complexas e, também, a vida particular das pessoas, há uma grande distinção entre a educação escolar e a que ocorre fora da escola.



Importante

- Assim como cada cultura e cada sociedade caracterizam-se de forma distinta, também a educação não se apresenta de uma única maneira. Podem ocorrer diversas “educações”. Já a escola cumpre um papel específico no processo educativo, pois é orientada por programas e estruturas formais de ensino.

- A diferença, então, entre a educação escolar e a educação que ocorre em diversos tempos e espaços está no caráter deliberativo e intencional da ação da escola. Enquanto a escola cumpre um programa formal de ensino, outras instituições cumprem seu papel educacional de maneira informal.
- Em síntese, a relação que existe entre a escola e a educação se manifesta na integração entre ensino e educação.

A escola e suas características

Além de distinções previstas na regulamentação legal, entendemos que a educação escolar tem características bem definidas tanto por sua estrutura e organização quanto por sua função.

As escolas apresentam uma enorme diversidade de formas de organização, tamanho, localização e atendimento aos alunos.

Você já ouviu falar de alguma escola que seja modelo para todo o seu estado ou para todo o país?

É bem provável que não, porque ela não existe.

Não existe, no Brasil, um modelo de escola que possa ser considerado como o melhor ou o mais adequado, porque cada escola tem suas próprias características, suas necessidades, suas produções, suas dificuldades e suas conquistas. Esse também deve ser o caso da escola em que você trabalha.

Existe uma infinidade de tipos de escola, espalhados por todos os pontos do País: há as escolas mais estruturadas e equipadas com diversos recursos pedagógicos, mais simples na sua estrutura e na disponibilidade de recursos, as rurais, as dos grandes centros urbanos, as das periferias nas grandes cidades, as dos assentamentos rurais, as das comunidades indígenas, as de quilombos, as de comunidades negras, e muitas outras.

Importante

Conhecer os recursos que existem na sua escola e na sua comunidade pode ser útil e incorporado ao seu trabalho pedagógico. A utilização desses recursos pode ajudá-lo a melhorar seu trabalho.

- Desde o quadro de giz, que geralmente você tem na sala de aula, até um mercado ou uma padaria que existem na cidade ou no bairro podem ser recursos importantes para o seu trabalho na escola. Você pode transformá-los em opções didáticas, ou seja, em estratégias que auxiliam o fazer pedagógico.
- Você poderá enriquecer bastante seu trabalho se for capaz de reconhecer, procurar e receber a contribuição de todos os sujeitos e, principalmente, das instituições que, mesmo sem estarem diretamente ligadas à escola ou ao sistema educacional, possam colaborar para o trabalho escolar.
- A escola é uma instituição com condições muito específicas, cujos objetivos principais levam em conta o conhecimento baseado nas ciências. Sabemos que, muitas vezes, ao priorizar o processo de produção científica, a escola acaba segmentando a ciência e a distanciando da realidade, bem como separando os fenômenos que acontecem na realidade em partes explicáveis por disciplinas escolares.
- A informação que circula na instituição educacional nem sempre consegue expressar todo o conhecimento produzido pelos meios científicos. É importante buscar a transformação das informações em conhecimentos e torná-las úteis não só para a resolução dos problemas e desafios do dia a dia, mas, principalmente, para que essa construção de conhecimentos desencadeie processos cognitivos, afetivos e sociais, muito mais complexos no desenvolvimento dos alunos e, também, do educador.

- As características estruturais da escola (horários, organização, conteúdos, diferenciação de papéis, complexidade de atividades) podem levar ao aprendizado de normas e de atitudes de independência ou dependência, realização ou adequação, universalismo e outras especificidades próprias da vida em sociedade.
- O processo educativo que circula no interior da escola deve ser entendido não apenas na dimensão do ensino e da aprendizagem de conhecimentos, mas também a partir das dimensões política, econômica e cultural.

Essas dimensões vão constituir, em uma perspectiva mais abrangente, a função social da escola.

Função social da escola

Vimos até agora que a escola é uma instituição identificada por duas características fundamentais: a de ensinar conteúdos e a de formar as pessoas por meio da circulação de valores, ideias, crenças, preceitos morais e éticos.

Devemos, portanto, trabalhar o tema da educação escolar como instrumento de dupla dimensão. Ao promover mudanças nos sujeitos e na realidade, a escola é um lugar que serve tanto para a manutenção das relações sociais injustas quanto para a transformação dessas mesmas relações.

Será que a escola é capaz de funcionar nessas dimensões tão distintas e até contraditórias?

Alguns estudos e abordagens afirmam que a escola funciona como um forte mecanismo de controle social, contribuindo para a estabilidade do sistema capitalista, pois, na sua forma de organização, ela disciplina, domestica e aliena os estudantes.

Entretanto, na sociedade existem diversas tensões, porque há sempre interesses divergentes: uns lutam pela estabilidade ou conservação, outros brigam por evolução e mudança. A cultura humana tem um caráter de eterna tensão.

Na escola, é importante conhecer as formas pelas quais essas dimensões se apresentam para saber como trabalhá-las, pois também a educação é, ao mesmo tempo, um processo de manutenção e de transformação da cultura.

Entender que a escola não é a fonte essencial das desigualdades sociais, nem reflete passivamente a ideologia dominante é defender que há, na instituição escolar, intencionalidades, finalidades, utilidades que lhe permitem reinterpretar e ressignificar a ideologia ao difundi-la ou transmiti-la.

As ações que ocorrem no processo educativo são determinadas por múltiplas influências não só ideológicas, mas históricas, econômicas, jurídicas, políticas e sociais. São necessárias mediações técnicas, culturais e sociopolíticas que, em vez de negarem, recriem os ideais em bases mais justas e sustentados por escolhas conscientes.

Importante

- O espaço escolar constitui-se em local privilegiado, onde, se por um lado se explicitam as contradições e os antagonismos, por outro é possível que se constituam e se articulem interesses sociais mais justos, democráticos e solidários.

- O sistema escolar tanto pode servir para sustentar e reproduzir as relações injustas que ocorrem na sociedade capitalista quanto pode servir para a construção da justiça social e da cidadania.
- Em torno da escola, convivem sujeitos com diferentes concepções de educação e diferentes visões de mundo, e é esse convívio que faz da escola uma instituição complexa e contraditória. É nessa troca de contrários que pode-se e deve-se estabelecer a luta pela construção da cidadania.
- O professor, com base no cotidiano da escola, pode e deve criar situações pedagógicas para promover as mudanças necessárias.

O professor e sua função de mediador

Por se entender que cabe à escola a função de ensinar e de educar, recai especialmente sobre o professor desempenhar um papel ativo de organizar, conduzir e mediar o processo educativo.

Agora vamos compreender melhor o papel do professor, não só no ensino, mas, principalmente, na formação de valores e da identidade dos alunos.

Já vimos que as tensões existentes na escola não impedem o emergir de forças de luta e resistência pelo restabelecimento da cidadania. E nós, trabalhadores desse contexto, estamos cotidianamente atuando, de uma forma ou de outra, nesse cenário dinâmico. Entretanto, essa atuação se dá, muitas vezes, de maneira imprevisível e de forma intuitiva. Precisamos pensar em construir práticas intencionalmente planejadas na direção de uma transformação pautada em ações competentes e conscientes.

Professor e escola: trabalho, profissão e transformação social

O caráter contraditório que se faz presente no discurso pedagógico reflete-se no trabalho do docente, especialmente no cotidiano da sala de aula.

Podemos afirmar que o trabalho escolar não é neutro. O professor não age com neutralidade ao organizar e executar seu trabalho pedagógico. Se um professor se diz neutro, na verdade já está tomando uma posição. Geralmente, essa tomada de posição é em favor dos interesses sociais predeterminados, ou seja, em favor de que as coisas continuem do jeito que estão. É, portanto, uma suposta neutralidade.

O saber e o poder são elementos importantes da relação entre educação, escola e professor. A forma como as pessoas, no interior da escola, fazem uso do saber ou do conhecimento e como este se liga à organização e à distribuição do resultado desse trabalho desenha aproximações ou distanciamentos entre o conhecimento produzido e a sua adequada socialização.

Precisamos ter uma visão de conjunto sobre o que ensinamos aos nossos alunos e sustentar, no fazer pedagógico, alternativas de ensino e aprendizagem criativas, inovadoras e libertadoras, para que não predominem técnicas, métodos, tarefas e conhecimentos essencialmente repetitivos, coercitivos, domesticadores.

Ao possibilitar a construção e a socialização do conhecimento, a escola “distribui” o poder advindo do saber, facultando a todos uma instrumentalização mais justa para desenvolver as transformações sociais necessárias.



Situações imprevisíveis em sala de aula

O que mais aflige o educador no cotidiano da sala de aula são as situações imprevisíveis, que o fazem “perder o controle”. O medo de escolher um caminho não muito adequado, dar uma resposta equivocada, tomar uma decisão injusta e agir impetuosamente gera muita insegurança quanto ao que fazer nessas horas.

E, na maioria das vezes, age-se de forma intuitiva, “automática”, “mecânica”, “impensada”, para tentar resolver esses problemas.

Precisamos criar e exercitar competências para não nos guiarmos apenas por recursos impetuosos ou emergenciais, mas por processos e situações didáticas que sejam intencionalmente planejados, organizados e sistematizados, com a finalidade de promover transformações e avanços no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos.

A clareza sobre os fatores de risco decorrentes do uso de drogas e as possibilidades de proteção devem fazer parte desse planejamento intencional.

Identidade profissional do professor



A maneira como o professor trabalha está diretamente relacionada à sua maneira de ser. As escolhas profissionais acabam influenciando a vida pessoal e sendo por essas influenciadas; assim, a “pessoa” e o “educador” se mostram de forma interdependente ao longo do tempo.

Nesse processo de constituição da nossa identidade, estamos todo o tempo em relação com outras pessoas, com as quais compartilhamos inúmeros significados, ao longo da história de nossas experiências socioculturais.

Desenvolvemos nossa subjetividade e nossa identidade profissional em uma dimensão social, cultural e histórica.

O professor como mediador na escola

No contexto escolar, o professor é parte integrante e fundamental nas relações que aí ocorrem: ele assume a função de mediador nesse processo de comunicação e de relação social.

Para intervir como mediador nessas relações, é importante que o professor organize uma rede de relações no contexto escolar para potencializar o desenvolvimento das pessoas.

Para isso, poderá buscar estratégias de ensino e aprendizagem que possibilitem tarefas coletivas, com objetivos comuns que levem a:

- complementaridade nas ações;
- manifestação de criatividade;
- trocas e negociações;
- críticas e sugestões;
- expressão da diversidade nas ações, crenças e valores;
- construção de conhecimentos compartilhados por todos do grupo.

A participação ativa dos alunos na rede de interações que ocorrem na escola faz com que eles experimentem papéis e ações que podem promover uma construção de conhecimentos compartilhada e coletiva.

As relações sociais educativas devem promover atividades em grupo, tarefas que envolvam pesquisa, organização de projetos comunitários, avaliações que incentivem a reelaboração do conhecimento, metodologias que permitam a discussão de ideias diferentes.

Mediar, com intencionalidade, as inúmeras ações presentes nas relações do contexto escolar pode contribuir para modificar muitas práticas sociais que geram rótulos, preconceitos e outras dificuldades nos relacionamentos interpessoais.

As relações sociais no contexto escolar

Na escola, há exemplos de muitas relações sociais: professor-alunos, aluno-aluno, professor-professor, professor-direção, direção-alunos, alunos-funcionários, professor-funcionários, direção-funcionários etc. E a forma como elas ocorrem vai dando origem a vários tipos de relações sociais: relações amistosas, relações complementares, relações de dominação, relações de conflito etc.

Entre esses tipos, chamamos a atenção para as “relações de poder”, que podem desequilibrar uma situação, principalmente se uma das pessoas se julga mais importante, com mais conhecimento ou com mais prestígio que a outra e usa esse “poder” para controlar ou direcionar a relação.

Esse desequilíbrio, quando caracteriza a relação professor-aluno, pode interferir na aprendizagem e comprometê-la. O professor deve ficar atento para a ocorrência das relações de poder e suas consequências, a fim de modificá-las e provocar novas condições de aprendizagem.

Outra característica presente nas relações educativas, em especial entre professor-aluno, é a existência ou não de uma relação de confiança. Essa relação deve ser entendida como uma qualidade do relacionamento entre as pessoas, que vai sendo trabalhada e construída para que elas conquistem um objetivo comum. Esse tipo de vínculo pode ser o ponto de partida para o sucesso dos processos de ensino e aprendizagem.

Quantas vezes um aluno vai procurá-lo pedindo ajuda para realizar uma tarefa que nem sempre está relacionada à sua disciplina? Ou vai chamá-lo para interferir em uma discussão com um colega sobre um tema qualquer do cotidiano? Ou vai lhe mostrar, inseguro, as respostas de algum exercício e você o incentiva, validando suas tentativas?

Existem inúmeras oportunidades, mediante situações pedagógicas diversas, em que o professor pode desencadear uma relação de confiança: expressando seu interesse pelas iniciativas e comportamentos do aluno, atendendo-o de forma atenciosa, reconhecendo e validando seu esforço, acompanhando seu processo de aprendizagem quando perceber suas dificuldades em realizar alguma tarefa, sem desqualificar suas dúvidas, mostrando-se disponível para acolher suas inquietações. Veja outras atitudes que o professor pode ter para desenvolver uma relação de confiança com o aluno:

- procurar, ao longo do ano, mostrar ao aluno que está disponível para ensiná-lo, acompanhá-lo nas dúvidas, incentivando-o a avançar;
- valorizar os progressos do aluno e animá-lo nas suas dificuldades;
- não fazer distinção ou tratar de forma desigual os alunos;
- mostrar o caminho mais adequado às possibilidades do aluno, sem desmerecer suas tentativas;
- incentivar os trabalhos em grupos e valorizar as iniciativas coletivas.

Essas e inúmeras outras situações podem iniciar processos de construção de relações de confiança. Muitas delas, provavelmente, já estão presentes nas suas ações. Mas, quando elas ocorrem, geralmente são de modo intuitivo, sem que prestemos muita atenção à forma como torná-las ações preventivas, planejadas com intencionalidade e reflexão.

Considerações finais

As relações que se estabelecem entre os alunos e entre eles e o professor devem promover condições para que todos os envolvidos construam novos conhecimentos, habilidades e significados.

No contexto escolar, a qualidade das relações pode influenciar tanto no sucesso quanto no fracasso escolar. As relações entre professor e alunos são a base para a organização do trabalho em sala de aula.

Convém que todos os educadores percebam seu papel e sua responsabilidade nas relações que estabelecem na escola e consigam, pela mudança da qualidade dessas relações, promover uma cultura de sucesso no trabalho.

Referências

- ARAUJO, C. M. M. *Psicologia Escolar e o Desenvolvimento de Competências: Uma opção para a capacitação continuada*. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- ARAUJO, C. M. M.; ALMEIDA, S. F. C. de. *Psicologia Escolar Institucional: Desenvolvendo competências para uma atuação relacional*. In: ALMEIDA, S. F. C. de (Org.). *Psicologia Escolar: ética e competências na formação e atuação profissional*. Campinas: Alínea, 2003. p. 59-82.
- AQUINO, J. G. *Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos*. São Paulo: Summus, 2000.
- CHARLIER, E. Formar profissionais para uma formação contínua articulada à prática. In: PAQUAY, L.; PERRENOUD, P.; ALTET, M.; CHARLIER, E. (Org.). *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 85-102.
- CHARLOT, B. *A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- CIFALI, M. Conduta Clínica, Formação e Escrita. In: PAQUAY, L.; PERRENOUD, P.; ALTET, M.; CHARLIER, E. (Org.). *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DEMO, P. *Educação e Conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Saber pensar*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
- DEPRESBITERIS, L. Avaliando competências na escola de alguns ou na escola de todos? *Boletim Técnico* do SENAC, set/dez 2001. Disponível em: <www.senac.com.br>.
- FRIGOTTO, G. (Org.). *Educação e crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. Os Delírios da Razão: Crise do Capital e Metamorfose Conceitual no Campo Educacional. In: GENTILI, P. (Org.). *Pedagogia de Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 77-108.
- _____. *A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista*. São Paulo: Cortez, 1984.
- GENTILI, P. Adeus a Escola Pública – A desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das majorias. In: GENTILI, P. (Org.). *Pedagogia de Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- GIROUX, H. *Teoria crítica e resistência em educação – Para além das teorias de reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- KRAMER, S. A formação do professor como leitor e construtor do saber. In: MOREIRA, A. F. B. (Org.). *Conhecimento educacional e formação do professor – Questões atuais*. Campinas: Papirus, 1995.
- KRUPPA, S. M. P. *Sociologia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARINHO-ARAUJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. *Psicologia Escolar: Construção e consolidação da identidade profissional*. Campinas: Editora Alínea, 2005.
- MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. (Org.). *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 190-207.
- NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

_____. *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PAQUAY, L.; PERRENOUD, P.; ALTET, M.; CHARLIER, E. (Org.). *Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?* Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VEIGA, I. P. A. Avanços e equívocos na profissionalização do magistério e a nova LDB. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). *Caminhos da profissionalização do magistério*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. (Org.). *Escola: Espaço do projeto político-pedagógico*. Campinas: Papirus, 2000.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.